

De uma missão em crise (1870-1915) para uma igreja toda missionária (2007).

A OBRA DE GUIDO MARIA CONFORTI NA ABERTURA DO CAMINHO QUE, COM O DOCUMENTO DE APARECIDA, CONFERIRÁ O CHAMADO MISSIONÁRIO A TODOS OS BATIZADOS.

- As palavras chaves de todo o documento de Aparecida são: todos discípulos e missionários. Como dizer que a missão, que era reservada a pequenas categorias de fiéis, è hoje tarefa única e permanente de todos os batizados e se realiza em qualquer lugar do mundo (1).
- Esta idéia de Aparecida era desconhecida aos tempos de Mons. Conforti. Aos cristãos da época, assim como aos padres seculares e à maioria dos religiosos e religiosas, se pediam somente orações e apóio financeiro. A missão propriamente dita era reservada a pouquíssimas pessoas corajosas e mais ou menos preparadas.
- Além de ser tarefa de alguns e ser vista como um apêndice da atividade eclesial, aos tempos de G. M. Conforti a missão sofria de uma crise mais que secular. Após as gloriosas epopéias dos missionários jesuítas (2), franciscanos e dominicanos nas terras do oriente (séc. XVI-XVIII), a crise parece ter começado com Bento XIV em 1741, quando este papa proibiu a prática dos ritos chineses e malabáricos.
- A crise cresceu com a supressão dos jesuítas (Clemente XIV em 1733), com a vinda do iluminismo, a revolução francesa e a laicização dos estados europeus (3).
- Na Italia a crise pareceu chegar ao fim com o papa Gregório XVI (1831-1846) que, tendo sido Prefeito de Propaganda Fide e mesmo sendo conservador e autoritário em teologia, como papa encorajou a missão criando 70 novos territórios missionários e nomeando 200 bispos naquelas que eram chamadas as *partes infidelium*.
- A crise chegou ao máximo, na Italia, durante o pontificado de Pio IX e Pio X (entre 1846 e 1914). Era uma crise que tocava não somente a constituição da Igreja, mas mexia nas suas raízes e consistências mais profundas e procedia da questão romana (1870), da chegada do socialismo (1882), e da explosão do modernismo (1903-1914 (4)).

- A fundação de institutos exclusivamente missionários -PIME, Combonianos, Xaverianos, Consolata (5)- não tinham apagado a crise. A própria manutenção destes institutos parecia agravá-la. Pois o povo cristão não colaborava ou colaborava miseravelmente (6). Precisava despertar o povo e, para tanto, precisava partir dos bispos e dos párocos, sem excluir os membros das congregações religiosas masculinas e femininas. Precisava partir do próprio papa Pio X e quem se meteu nesta empresa árdua? Dois excelentes missionários: o padre Paulo Manna, superior geral do PIME, e Guido Maria Conforti fundador dos xaverianos. O problema deles era nem mais nem menos aquele de salvar a missão e era com esta linguagem que eles se expressavam à voz e por escrito.
- Em 1912 Guido Maria Conforti apresentou a Pio X o projeto da União Missionária do Clero, pedindo ao papa que falasse para a Igreja inteira. Se a missão da Igreja queria renascer devia partir do seu chefe. Pio X gostou da idéia e autorizou Conforti a propagandá-la, mas se absteve de escrever uma encíclica que falasse a todo o povo cristão e seus guias. Se contentou de escrever uma carta que apoiava a idéia da união e que Conforti mandou, por conhecimento, a todos os bispos da Italia.
- Em 1916, em plena guerra mundial, Conforti se apresentou com o mesmo projeto a Bento XV (7). Padre Bonardi nos contava como tinha-se desenvolvido a conversa entre eles. “Uma outra obra? Nada de obras novas, por favor. Tem que fazer funcionar as muitas que já temos”. O encontro teve resultados superiores a todas as previsões. A aprovação da União em 30 de outubro de 1916 foi só o primeiro. Entre 1917 e 1926 Guido Conforti foi o primeiro presidente e durante aqueles dez anos choeram de todo lado da Igreja incentivos missionários nunca sonhados.
- Em 1919 papa Bento editou uma encíclica missionária de grande porte: a *Maximum illud mandatum*. Padre Catarzi nos dizia que tinha sido escrita por Mons. Conforti. No documento o papa pedia uma melhor preparação espiritual e teológica para todos os missionários, pedia que se empreendesse a formação do clero nativo e convidada os missionários a se manter longe das iniciativas colonialistas de seus países de origem.
- Em 1925 Papa Pio XI declarou Terezinha do Menino Deus padroeira de todos os missionários e missões, enaltecendo a cooperação missionária de quem não podia chegar até ao campo das missões. Sempre em 1925 Pio XI criou a festa litúrgica de Cristo Rei, designando o âmbito universal do reinado que as missões católicas iam realizando em cada canto do mundo.
- Em 1926 Pio XI, que já era chamado o papa das missões, escrevia uma nova encíclica missionária de grande respiro, a *Rerum ecclesiae*. Nela o papa não se contentava em recomendar as quatro obras pontifícias

missionárias. Nas suas palavras aparecia pela primeira vez um aceno claro e direto à corresponsabilidade de toda a igreja e de todos os batizados na iniciativa de submeter o mundo ao Reino de Cristo. Sempre naquele ano, o papa consagra seis bispos chineses, emocionando o mundo com o universalismo candente que aquele gesto implicava (8).

- Em 1927 o papa estabelece que, em todas as paróquias da Itália e do mundo, a cada ano, se reserve um domingo ao tema da missão universal e da cooperação que a ela devem oferecer, com ofertas, sacrifícios e orações, os cristãos de todas as categorias: clero, religiosos e leigos. As dioceses de Brescia e de Bergamo foram as primeiras a aceitar, ao pé da letra, aquela proposta (9).
- Outras contribuições que Guido Maria Conforti deve ter oferecido ao fim de missionarizar todo o povo cristão, acelerando a aparição do documento de Aparecida, são fundamentalmente duas:
 01. Ter sido ele, ao mesmo tempo, responsável de uma diocese tradicional inserida no corpo histórico da igreja e fundador e formador de missionários que se teriam espalhado pelo mundo a fora.
 02. Ter enunciado e professado uma nova visão da missão do cristianismo: a que, querendo estabelecer o Reino de Deus na terra e a fraternidade universal, aqui e agora, se está consolidando aos nossos dias quase em paralelo com a globalização bem entendida do mundo. Esta nova visão da missão não se contenta, pois em ver todos os batizados empenhar-se na realização do Reino com a própria vida e profissão, como prevê o documento de Aparecida, mas olha com simpatia à participação na mesma empresa de todas as religiões e culturas da humanidade (10).
- Um aceno à idéia de padre Comblin sobre a proposta inaudita do documento de Aparecida: uma nova igreja e uma nova missão estão previstas, a que só os leigos finalmente empenhados em primeira pessoa poderão imaginar e realizar.

Savino Mombelli

Abaetetuba, 5 de novembro de 2007.

NOTAS. 1) Esta fantástica caminhada tem o ponto mais alto na doutrina da *Lumen gentium*, cap. 2, lá onde se afirma que a Igreja é um povo e neste povo todos os componentes tem o mesmo valor e peso na tarefa de realizar nesta terra o Reino de Deus. Mas não seria difícil provar que a doutrina da *Lumen gentium* è, por sua vez, uma consequência tanto da pesquisa feita por eminentes estudiosos na história da teologia e da igreja, quanto na experiência e na teologia missionárias do último século.

2) Entre os jesuitas lembremos Francisco Xavier, Matteo Ricci, Alessandro Valignano, Roberto de Nobili, João de Brito.

3) Laicização chegou a ser ateísmo estatal fazendo com que os governos antes aliados da igreja se tornassem inimigos e opositores. Entre os casos mais tristes lembremos os da França e do Portugal.

4) O socialismo esaltava Jesus de Nazaré na hora em que metia na berlinda a igreja chamando-a de traidora do seu fundador. Apesar disso os católicos liberais achavam que a doutrina socialista não era contrária à visão cristã e, com certos cuidados, podia ser assumida pelos católicos. Mas esta posição não era bem aceita pela hierarquia que acabava punindo e dispersando os seus melhores filhos. Por sua vez o modernismo era visto pela hierarquia conservadora como a catástrofe dos valores cristãos, pois historicizava o dogma cristão exigindo que fosse revisto e adequado aos novos tempos. Pio X e o seu círculo de defensores bispos e teólogos não enxergavam a menor possibilidade de admitir um modernismo moderado, uma evolução inegável e correta do ser da igreja, criando asperidades e lutas internas que fizeram rolar muitas cabeças inocentes.

5) O PIME nos anos cinquenta do séc. XIX, os Combonianos nos anos 60, os Xaverianos no fim do século, a Consolata nos primeiros anos do século XX.

6) Padre Bonardi contava que, para satisfazer as exigências financeiras dos confrades da China, foi um belo dia com Mons. Conforti a um banco de Fidenza para aí hipotecar todos os bens imóveis da congregação e obter empréstimos.

7) Os dois se conheciam bastante, pois o papa Bento tinha sido arcebispo de Bolonha e colega de Conforti na região da Emília – Romanha. É famosa uma certa história que se contava em baixa vós. Num discurso aos militares que partiam de Parma para a guerra contra a Austria, Conforti teria exaltado o sangue versado pela pátria, sendo segundo somente ao sangue versado pela fé. O papa Bento, que era contrário a guerra e a tinha chamado uma inútil carneficina, ficou consternado com as palavras de Conforti e teria dito: “Que besteras me está dizendo aquele santinho de gesso!”.

8) O escritor Alberto Moravia, miscredente e mais pagão que os próprios chineses, escreve de ter visto missionários franceses e italianos beijar as mãos e reverenciar, na China, os novos bispos chineses chegados de Roma. Ficou altamente impressionado pelo fato e o conta num dos seus livros.

9) Lembro com imensa simpatia e saudade as celebrações missionárias conduzidas por xaverianos e combonianos na minha paróquia de Bassano Bresciano entre os anos 1934/42, em 26 de dezembro, festa de Santo Estevão.

10) Nem se fale das contribuições que outras autoridades da igreja, após a morte de Manna e Conforti (1931), ofereceram para reforçar a idéia de que a missão devia ser um projeto acessível a todos os batizados. Baste lembrar a Fidei donum de Pio XII, a Populorum progressio e a Evangelii nuntiandi de Paulo VI (1967 e 1975). Todos estes escritos vinham ampliar o horizonte da missão cristã e envolver nela sempre mais gente: os sacerdotes diocesanos, os leigos especializados, os cristãos todos.

BIBLIOGRAFIA MINIMA

Ballarin Lino. TUTTO PER LA MISSIONE. Emi, Bologna, 1981.

Equipe Verbo Divino. VOZ MISSIONARIA dos papas do século XX. Gráfica Planeta, Ponta Grossa, 1998.

Mondin Battista. DIZIONARIO ENCICLOPEDICO DEI PAPI. Città Nuova, Roma, 1995.

McBrien P. Richard. OS PAPAS. Os pontífices de S. Pedro a João Paulo II. Loyola, S. Paulo, 2000.